

Metade das brasileiras relata sentir que são desrespeitadas

No Nordeste, metade das entrevistadas (50%) diz que as mulheres são mal acolhidas

Quase metade das mulheres brasileiras segue sem se sentir respeitada no país. A 11ª Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher, realizada pelo DataSenado e pela Nexus em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência (OMV), mostra que 46% das entrevistadas afirmam não ser tratadas com respeito no dia a dia — sensação que se repete em casa, no trabalho e, principalmente, nas ruas, apontadas como o ambiente de maior desrespeito para 49% delas. O levantamento, que ouviu mais de 20 mil mulheres em todas as regiões, confirma que o machismo continua estrutural: 94% classificam o Brasil como um país machista.

A força dessa percepção aumentou desde o último levantamento. O percentual de mulheres que consideram o Brasil muito machista subiu de 62% para 70% em dois anos, o que equivale a mais de oito milhões de brasileiras acrescentando uma avaliação mais severa sobre desigualdade de gênero.

Desde 2017, o índice nunca ficou abaixo de 90%, e apenas 2% das entrevistadas dizem não ver machismo no país. A alta percepção acompanha a impressão de crescimento da violência doméstica: 79% acreditam que ela aumentou no último ano, reto-



Mulheres dizem que são vítimas nas ruas, no trabalho e em casa

mando o maior patamar da série histórica.

Nas ruas, o cenário também preocupa. Embora tenha havido leve queda desde 2023, o ambiente público continua sendo o local em que a maioria das mulheres se sente menos respeitada. Dentro de casa, porém, houve piora: um aumento de quatro pontos percentuais fez com que milhões de brasileiras passassem a ver o ambiente familiar como o mais inseguro. No trabalho, a sensação de desrespeito segue praticamente estável.

Para a antropóloga Beatriz Accioly, do Instituto Natura, o avanço da percepção de desrespeito dentro de casa reflete os persistentes índices de violência doméstica. “O círculo íntimo, que deveria oferecer proteção, segue sendo um dos ambientes mais perigosos”, afirma.

Dados no Nordeste

A pesquisa revela diferenças regionais importantes. No Nordeste, 50% das mulheres dizem que as mulheres não são tratadas

que a sensação de desrespeito é generalizada em todo o território nacional. Para Maria Teresa Prado, coordenadora do OMV, as diferenças regionais mostram nuances, mas não alteram o quadro mais amplo: “Em todas as regiões, há um volume expressivo de mulheres que transitam entre o respeito ocasional e o desrespeito constante, o que demonstra instabilidade na forma como a sociedade enxerga e trata as mulheres”.

Escolaridade amplia o contraste

O recorte por escolaridade mostra desigualdades ainda mais profundas. Entre mulheres não alfabetizadas, 62% afirmam não ser tratadas com respeito.

O índice cai para 41% entre aquelas com ensino superior completo. Mesmo assim, o sentimento de desrespeito permanece elevado: apenas 8% das brasileiras com diploma universitário dizem ser plenamente respeitadas.

As maiores variações aparecem entre mulheres com ensino médio e superior incompleto, em que mais da metade afirma ser respeitada apenas às vezes — evidenciando que a escolaridade reduz, mas não elimina, a exposição ao machismo e ao desrespeito.

Paraíba quintuplica saldo de empregos

A Paraíba vive o melhor ciclo de geração de empregos formais de sua história recente. Entre 2019 e setembro de 2025, o saldo de vagas com carteira assinada alcançou 139.734 novos postos, resultado cinco vezes superior ao registrado no período anterior, de 2012 a 2018, quando o saldo foi de apenas 25.091 vagas.

O avanço, de 456,9% na comparação entre os dois intervalos, consolidou o estado tanto na liderança regional quanto na melhoria dos indicadores de ocupação, refletindo diretamente na redução da taxa de desemprego.

Os números do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho, mostram que todos os anos do período atual apresentaram saldos positivos, incluindo 2020, marcado pelos efeitos mais severos da pandemia, quando ainda assim houve a criação de 2.359 vagas.

O melhor desempenho ocorreu em 2021, ano da retomada

econômica puxada pelo avanço da vacinação contra a Covid-19, quando a Paraíba atingiu 35.211 novas vagas, o maior saldo anual da série histórica.

A média anual de criação de empregos entre 2019 e 2025 chegou a 19.962 postos, quase seis vezes maior que a observada entre 2012 e 2018. O dado ganha ainda mais peso porque o resultado de 2025 considera apenas os meses até setembro, período tradicionalmente menos aquecido que o segundo semestre, quando a contratação costuma crescer.

Já entre 2012 e 2018, a oscilação econômica nacional refletiu diretamente no mercado de trabalho paraibano. Três anos tiveram saldo negativo — 2015, 2016 e 2017 — somando a perda de 30.496 postos. Os demais quatro anos foram positivos, mas insuficientes para compensar totalmente as quedas, resultando em uma média anual de apenas 3.584 vagas, muito inferior ao ritmo atual.

Para o secretário de Estado da Fazenda, Marialvo Laureano, o desempenho expressivo está diretamente ligado à estratégia fiscal e de desenvolvimento adotada pelo governo estadual.

Ele destaca que a Paraíba vive “a maior expansão do emprego com carteira assinada da série histórica do Caged”, impulsionada por um ambiente econômico favorável construído a partir de uma gestão fiscal sólida, premiada por cinco anos consecutivos com a nota máxima do Tesouro Nacional (Capag A+) e reconhecida pela S&P Global Ratings com classificação de grau de investimento.

Segundo o secretário, a combinação de estabilidade fiscal, capacidade de investimento e políticas públicas ampliadas tem garantido dinamismo ao mercado de trabalho. Entre 2019 e 2025, mais de 1,3 milhão de admissões foram registradas, resultando no saldo positivo cinco vezes maior que o período anterior.



De 2019 até 2025, todos os anos foram de saldos positivos